

□ Tempo de leitura: 7 min.

Sr. Pietro Giuseppe ENRIA, sdb, (20.06.1841-21.06.1898) enfermeiro de Dom Bosco

As memórias do coadjutor Pedro Enria constituem uma fonte de grande relevância para o conhecimento das últimas décadas da vida de Dom Bosco. Órfão devido à cólera, foi acolhido no Oratório em 1854 junto com um irmão e lá permaneceu por toda a vida, desempenhando os mais diversos serviços práticos e organizacionais. Dotado de grande disponibilidade, tornou-se um dos principais colaboradores internos e, sobretudo, o enfermeiro de confiança de Dom Bosco durante as graves doenças das décadas de 1870 e 1880, deixando relatos minuciosos sobre elas. Assistiu o Santo também em sua última doença e testemunhou sua santidade no processo de beatificação. Morreu em 1898, após longo sofrimento, deixando preciosas memórias autobiográficas.

Porque quem o conhecia o amava.

As memórias autobiográficas do coadjutor Pedro Enria são bastante extensas: distribuídas em cinco cadernos, são as segundas em importância, depois das de Viglietti, como fonte para vários períodos da vida de Dom Bosco, em particular para seus últimos dias. O relato começa evocando as circunstâncias em que, em 1854, Dom Bosco acolheu na Casa anexa ao Oratório a ele e seu irmão João, que ficaram órfãos devido à epidemia de cólera. Conclui com a narração dos últimos dias e da santa morte de Dom Bosco, tal como o devoto enfermeiro os vivenciou e os recordava. Esta última seção é intitulada “1887. A última doença de Dom Bosco”.

Notas biográficas

Como ele mesmo conta, Pedro José Enria (1841-1898) nasceu em San Benigno Canavese (Turim). Tinha pouco mais de sete anos quando sua mãe morreu e seu pai se casou novamente. Em 1852, a família migrou para Turim e prosperou por algum tempo, até ser atingida primeiro pela malária e depois, em 1854, pela cólera, que deixou Pedro e seus irmãos órfãos. Foram acolhidos no orfanato provisório aberto pelas Conferências de São Vicente de Paulo para os órfãos da cólera. Foi lá que ele conheceu Dom Bosco. Enria conta de forma comovente como Dom Bosco o tirou, junto com um de seus irmãos, do orfanato e os levou para o Oratório, onde permaneceu por toda a vida. O Santo primeiro o colocou como aprendiz em uma serralheria na cidade; depois, assim que as oficinas internas foram estabelecidas, o jovem Enria trabalhou “em casa”.

Finalmente, foi empregado no armazém administrado pelo coadjutor José Rossi e tornou-se um dos principais organizadores das atividades do Oratório. Instrumentista na banda, diretor de palco, cozinheiro, pintor etc., Enria era continuamente solicitado por suas habilidades práticas.

Mas, ainda mais significativa foi a assistência que prestou a Dom Bosco por ocasião das graves doenças que o acometeram nas décadas de 1870 e 1880. Quando adoeceu em Varazze, em 1871, Dom Bosco solicitou expressamente a ajuda de Enria, que o assistiu durante os dois meses de doença. Nas numerosas cartas escritas ao coadjutor José Buzzetti e a outros, bem como em suas próprias memórias, Enria descreve dia a dia os sintomas e as condições de seu paciente. Seus relatos permitem que os médicos de hoje formulem um diagnóstico preciso das patologias que afligiram Dom Bosco.

Em abril de 1878, o Santo adoeceu enquanto estava em Sampierdarena, no instituto onde residia Enria, que mais uma vez o assistiu por duas ou três semanas. No outono, Enria fez parte do grupo que fundou a escola salesiana “Manfredini” em Este (Pádua) e foi lá que fez sua profissão religiosa e se tornou *de jure* o que sempre fora *de facto*: o salesiano coadjutor Enria.

Mas o serviço mais devotado a Dom Bosco ele prestou durante a doença final, e a este período é dedicada a última seção da memória que ele escreveu.

A morte do pai pareceu antecipar o declínio do próprio filho. Em apêndice à sua própria memória, ele conta que em 1890 lhe foi confiada a tarefa de assistir o clérigo salesiano Augusto Czartoryski, que estava em Lugano (Suíça), doente de tuberculose. Enria sentiu-se extremamente deprimido e foi acometido por uma

doença na coluna vertebral. Perdeu quase imediatamente o uso da mão direita. O pessoal do hotel o colocou na cama. Foi então que ele invocou Dom Bosco e, finalmente, sentiu-se melhor. A essa altura, porém, ele já era um homem doente. Morreu em 1898 de uma doença cerebrioespinal, em meio a grande sofrimento físico e psíquico. No entanto, durante este período, prestou ao seu amado mestre o último serviço: testemunhou no processo de sua beatificação e, a pedido do P. João Batista Lemoyne, escreveu suas próprias memórias.

Seus testemunhos estão contidos no manuscrito do processo ordinário, cópia pública, nas folhas 982-1043.

«Conheci Dom Bosco em setembro de 1854 no convento dos Dominicanos, onde se reuniam os meninos que ficaram órfãos por causa da cólera que assolava (*em Turim e na Itália*). Um dia, Dom Bosco veio nos visitar (éramos cerca de cem), acompanhado pelo diretor do Orfanato. Eu nunca o tinha visto; ele tinha um ar risonho e cheio de bondade que nos fazia amá-lo antes mesmo de falar com ele. Ele sorriu para todos e depois perguntava o nome e o sobrenome, se sabíamos o catecismo... Finalmente, passou perto de mim e senti meu coração bater, não por medo, mas pelo afeto que sentia por ele. Perguntou meu nome e sobrenome e depois me disse: “Você quer vir comigo? Seremos sempre bons amigos até que possamos ir para o Paraíso. Você está contente?”.

E eu respondi: “Oh, sim, senhor”.

Depois, ele acrescentou: “E este que está com você é seu irmão?”.

“Sim, senhor”, respondi. “Pois bem, ele virá também”.

A gravíssima doença de Varazze

(6 de dezembro de 1871. Enquanto está na estação de Varazze, Dom Bosco cai desmaiado. Os presentes o levam para a casa salesiana dirigida pelo P. Francesia. A doença se revela gravíssima. O P. Rua envia de Valdocco Pedro Enria para assisti-lo. Transcrevo seu testemunho juramentado sobre este acontecimento).

Eu parti imediatamente, pronto para dar minha vida para que Dom Bosco recuperasse a saúde. Dom Bosco era grato pelo menor serviço que eu lhe prestava e me agradecia de todo o coração. Algumas vezes, tendo que lhe prestar serviços um pouco repugnantes, ele me dizia: “Veja, Enria, a que estado estou reduzido. Faça isto por amor a Deus!”

E eu lhe respondia: “Mas o que o senhor está dizendo, Dom Bosco? Não é nada o que eu faço para retribuir o que o senhor fez por mim e por meus companheiros. Ah! O senhor fez por nós serviços bem mais humildes. Lavou-nos, penteou-nos, costurou nossas roupas, fez por nós o que só nossas mães poderiam fazer, e ainda mais do que elas. E não quer que eu lhe preste estes serviços? Quantos dos meus companheiros se considerariam afortunados se pudessem estar no meu lugar!”

Eu recebia de Turim cartas cheias de ternura filial. (José) Buzzetti, meu companheiro, me dizia: “Olha, Enria, nosso pai está em suas mãos, aí de você se não o assistir bem, terá que prestar contas a Deus! Diga-lhe que nós rezamos de todo o coração ao Senhor e a Maria Auxiliadora para que ele volte logo para nós com saúde”.

Enquanto isso, a doença piorava e a febre aumentava sempre. A erupção de miliária (*bolhas na pele*) era abundantíssima e lhe causava muito tormento. Mas ele nunca se queixava. Suas preocupações eram sempre por nós, que temíamos perdê-lo, e ele nos dizia com grande fé: “Deus provê para os pássaros do céu; por isso também pensará nos pobres filhos do Oratório”.

Enquanto isso, de Turim queriam notícias, e eu não podia dar boas notícias porque a doença continuava grave. Muitos jovens do Oratório, como soube depois, tinham ido à igreja, ao altar de Maria Auxiliadora, e ofereceram a Deus suas vidas pela recuperação de Dom Bosco. Ao ouvir a leitura dessas e de outras cartas, Dom Bosco chorou de consolação e disse: “Pobres jovens, quanto amam este pobre Dom Bosco!” e me encarregou de agradecer-lhes.

Dom Bosco quis se confessar com o pároco, e o P. Francesia (*diretor da casa salesiana*) lhe levou o Santíssimo Viático no dia seguinte. Dom Bosco passou aquele dia em ação de graças.

No dia seguinte, a doença se acalmou um pouco. Ele não se queixava, e a quem lhe dizia: “Quanto o senhor deve sofrer!”, respondia rindo: “Eu sou um preguiçoso e estou aproveitando esta cama, e quem sofre são aqueles que precisam me

assistir”.

Um menino que chorava

A doença seguiu seu curso. Dom Bosco teve que ficar na cama por mais de dois meses sem se mover. A pele de suas costas estava ferida em vários lugares, e ele trocou toda a pele. Mesmo assim, não soltou um lamento e dizia sempre estar nas mãos de Deus, pronto para fazer a sua vontade.

Enquanto estava gravemente doente, ouviu um menino chorar. Não conseguiu resistir e me disse imediatamente: “Faça o favor, Enria, vá ver o que aquele menino tem”. Corri e soube que era um jovem que chorava porque sua mãe, que viera visitá-lo, tinha partido. O coração de Dom Bosco não suportava que seus jovens sofressem.

Ele se alegrava quando alguém lhe falava dos primeiros anos do Oratório. Muitas vezes, enquanto ele estava doente, eu falava sobre isso: “O senhor se lembra, Dom Bosco, quando sua mãe o repreendia porque sempre aceitava novos meninos? Ela lhe dizia: ‘Você sempre aceita mais, mas como vamos sustentá-los, vesti-los? Não há nada em casa, e começa a fazer frio!’”. Aconteceu comigo de ter que dormir várias noites sobre algumas palhas, sem nada além de um pequeno cobertor. E à noite, quando estávamos na cama, o senhor, Dom Bosco, e sua mãe consertavam nossas calças e jaquetas gastas, porque só tínhamos uma”. Dom Bosco sorria ao ouvir isso e dizia: “Quanto trabalhou a minha boa mãe!... santa mulher!... Mas a Providência nunca nos faltou!”.

No dia em que Dom Bosco se levantou da cama, telegrafei para Turim ao amigo Buzzetti, e houve uma grande festa no Oratório, e a banda tocou.